

uepb
Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

LUIZ FERREIRA DA SILVA NETO

**CAMPINA GRANDE E SUAS ESCAPATÓRIAS PARA COM O IMAGINÁRIO
MIDIÁTICO SOBRE O NORDESTE BRASILEIRO**

CAMPINA GRANDE – PB
DEZEMBRO DE 2015

LUIZ FERREIRA DA SILVA NETO

**CAMPINA GRANDE E SUAS ESCAPATÓRIAS PARA COM O IMAGINÁRIO
MIDIÁTICO SOBRE O NORDESTE BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Monografia apresentado ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Me. José do Egito Negreiros Pereira.

**CAMPINA GRANDE – PB
DEZEMBRO DE 2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586c Silva Neto, Luiz Ferreira da
Campina Grande e suas escapatórias para com o imaginário
midiático sobre o nordeste brasileiro [manuscrito] / Luiz Ferreira
da Silva Neto. - 2015.
46 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Me. José do Egito Negreiros Pereira,
Departamento de História".

1. Historiografia 2. Nordeste Brasileiro 3. Mídia 4.
Estereótipos I. Título.

21. ed. CDD 907.2

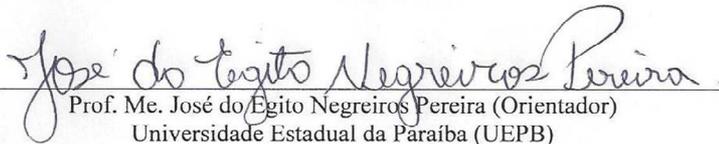
LUIZ FERREIRA DA SILVA NETO

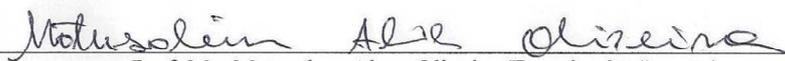
CAMPINA GRANDE E SUAS ESCAPATÓRIAS PARA COM O IMAGINÁRIO
MIDIÁTICO SOBRE O NORDESTE BRASILEIRO.

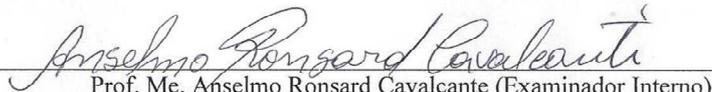
Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Monografia apresentado ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovado em: 10 / 12 /2015.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. José do Egito Negreiros Pereira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Matusalem Alves Oliveira (Examinador Interno)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Anselmo Ronsard Cavalcante (Examinador Interno)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico meu trabalho, em primeiro lugar, a Deus, que iluminou o meu caminho durante este percurso. Aos meus pais, irmãos e minha família, que não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida, e a minha namorada, amiga e companheira de todos os momentos. Muito obrigado.

CAMPINA GRANDE – PR
DEZEMBRO DE 2015

Dedico meu trabalho, em primeiro lugar, a Deus, que iluminou o meu caminho durante este percurso. Aos meus pais, irmãos e minha família, que não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida, e a minha namorada, amiga e companheira de todos os momentos, Mayare Rayane.

AGRADECIMENTOS

Agradeço por esta, bem como por todas as minhas demais conquistas, aos meus amados pais, Luzmar Ferreira e Deisineze Maria. Aminhas irmãs, Savana de Lima e Deirysmart Ferreira, a minha tia, Helenita Ferreira, a minha namorada, Mayare Rayane. A todos que contribuíram para que eu pudesse subir mais esse degrau, não canso de agradecer.

Ao professor José do Egito, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho. Agradeço também aos professores que se disponibilizaram a participar da banca: O Professor Mestre Matusalem Alves Oliveira e o Professor Mestre Anselmo Ronsard Cavalcante. Muito obrigado pela presença.

Também gostaria de agradecer aos demais professores do curso de História da UEPB que, de alguma forma, contribuíram para o meu crescimento intelectual e pessoal, tendo assim contribuído para a minha chegada até aqui. Não posso dizer que este é o fim. Este é apenas o começo da próxima jornada.

“Uma vida sem desafios não vale a pena ser vivida”.
Sócrates

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade realizar uma operação historiográfica sobre o discurso criado pela mídia como forma de estereotipar algumas regiões do Brasil, a exemplo da região Nordeste, que será abordada neste trabalho como objeto de estudo. Temos como objetivo geral analisar os discursos que são constantemente construídos pela mídia em relação àquela região, observando como a figura do nordestino foi minuciosamente pensada a partir de uma série de temáticas que, unidas, compõe o que era e ainda é caracterizado hoje. Como objetivo específico, buscamos mostrar que, ao contrário do que é difundido em meio aos espaços midiáticos, a região Nordeste é uma das que mais se desenvolvem, tendo em seu contexto cidades consideradas como polos industriais e culturais de grande importância, como a cidade de Campina Grande-PB, que será abordada no decorrer deste estudo, sendo vista como um dos polos tecnológicos que mais se desenvolvem atualmente no país. Apoiando-se em fontes variadas, tais como livros, revistas e reportagens televisivas, nosso trabalho busca um diálogo com o campo da História Cultural, tendo como referenciais teóricos para sua fundamentação Sandra Jatahy (2005), com seu livro *História e História Cultural*; Michel Foucault (1979) e sua obra *Microfísica do Poder*; Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999) e seu livro *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*; Severino Cabral Filho (2009), com *A Cidade Revelada: Campina Grande em Imagens e Histórias*. Temos como abordagem metodológica deste estudo a análise de construções historiográficas, reportagens jornalísticas e entrevistas como forma de analisar a construção desses discursos sobre essa região mediante a fala de autores, procurando, assim, desenvolver um trabalho cuja perspectiva seja problematizar as mais diversas formas discursivas criadas de forma estereotipada sobre a região Nordeste.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia. Nordeste. Discursos. Estereótipos.

ABSTRACT

This paper aims to perform a historiographical operation on media speech as a way to stereotype some Brazilian regions, such as Northeast, such paper's study object. Our general objective is to analyze constantly constructed discourses by the media when it comes to this region. We intend to point how Brazilian Northeast figure was thoroughly considered from a number of themes which, together, late and today's concepts about it. Our specific objective is to show that, contrarily to what media wide spreads, Northeast region is one of the fastest develop. It includes cities considered as greatly important industrial and cultural centers, like Campina Grande (Paraíba), which will be addressed in this study. Such city is considered as one of the most currently developed technological poles in Brazil. This study relies on various sources, such as books, scientific reports and television reports. Our work dialogues with Cultural History. Its theoretical references are Sandra Jatahy (2005), in her book *História e História Cultural* (History and Cultural History); Michel Foucault (1979), and his *Microphysics of power*; Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999), and his book *A invenção do Nordeste e outras artes* (The invention of Brazilian Northeast and other arts); Severino Cabral Filho (2009), in *A Cidade Revelada: Campina Grande em Imagens e Histórias* (The revealed city: Campina Grande in pictures and stories). This study's methodological approach analyzes historiographical buildings, news and interviews as a way to investigate such discourses construction on the related region by speaking plaintiff, in order to develop a work that questions various discursive forms created stereotypically over Brazilian Northeast.

KEYWORDS: Media. Brazilian Northeast. Discourses. Stereotypes.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Luiz Gonzaga	35
FIGURA 02	Os personagens cômicos Lucicreide e Carretel, interpretados pelos atores Fabiana Karla e Nelson Freitas	37
FIGURA 03	Prensa hidráulica utilizada para o enfardamento do algodão	39
FIGURA 04	Fotografia da Avenida Floriano Peixoto, em Campina Grande-PB, na década de 1940	40
FIGURA 05	Fotografia da construção do Grande Hotel de Campina Grande, atual prédio da Prefeitura Municipal	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I CAPÍTULO	
HISTÓRIA CULTURAL: UM NOVO OLHAR SOBRE A ESCRITA DA HISTÓRIA.	15
II CAPÍTULO	
A TELEVISÃO ATUANDO NA CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE IMAGENS CRIADAS A PARTIR DOS DISCURSOS MIDIÁTICOS SOBRE O NORDESTE BRASILEIRO.....	25
III CAPÍTULO	
CAMPINA GRANDE E A DESCRISTALIZAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS CRIADOS PELA MÍDIA	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade realizar uma operação historiográfica sobre o discurso criado pela mídia como forma de estereotipar as regiões, principalmente a região Nordeste, que será abordada neste trabalho como objeto de estudo. Tendo como recorte temporal o final do século XIX, quando o discurso da seca estava sendo difundido, caracterizando o Nordeste como local necessitado de ajuda; e início do século XX, momento em que este discurso já não cabia mais no contexto desta região, mas ainda era tido como um dos principais assuntos evidenciados e veiculados pela mídia.

Temos como objetivo geral analisar os discursos constantemente construídos pela mídia em relação à região Nordeste, algo que se torna preocupante pelo fato de fomentar discursos estereotipados sobre a região, criando denominações dignas de mal estar para classificar seus habitantes. Buscamos entender como esse discurso foi sendo pouco a pouco difundido e quais as consequências trazidas para a região em decorrência das ideias incutidas. Como objeto específico, buscamos mostrar que, ao contrário do que é difundido em meio aos espaços midiáticos, a região Nordeste é uma das que mais se desenvolvem, tendo em seu contexto cidades consideradas como polos industriais e culturais de grande importância, como a cidade de Campina Grande-PB, que será abordada no decorrer deste estudo, sendo vista como um dos polos tecnológicos que mais se desenvolve atualmente.

Nosso principal questionamento mediante a construção desse trabalho encontra-se centrado em como se deu esse discurso sobre a região Nordeste proferido pela mídia e quais as suas consequências em relação à construção de uma imagem dessa região por parte principalmente dos sulistas. O trabalho foi então desenvolvido com o intuito de abordar esses principais pontos, buscando mostrar as consequências desse discurso sobre a região Nordeste, criado e difundido pela mídia nos meios televisivos. Tomamos por base a análise de obras historiográficas sobre o tema em questão, como também a análise de livros, filmes e matérias jornalísticas que tratam do objeto de estudo aqui abordado.

O Nordeste é tema recorrente nas pautas da mídia, principalmente na televisão. Com pautas elaboradas a partir de noções pré-construídas, a mídia repete, transforma sentidos historicamente fabricados, colocando sempre em questão os aspectos da seca, tida como um dos principais aspectos abordados a tematizar a região. Por isso, a justificativa pela opção de trabalhar com a televisão centra-se nesse contexto pelo fato de ser um objeto de suma

importância na construção e difusão desse discurso, como também na forja de identidades culturais.

Apoiando-se em fontes variadas, tais como livros, revistas e reportagens televisivas, nosso trabalho busca um diálogo com o campo da História Cultural, tendo como referenciais teóricos para sua fundamentação Sandra Jatahy (2005), em *História e história cultural*, em que procuramos analisar esse novo campo de estudo que se constituía, buscando um embasamento teórico para nossa pesquisa, como também Michael Foucault (1979) e sua obra *Microfísica do poder*, em que analisaremos o poder do discurso na construção de imagens sobre determinados fatos, como a região Nordeste, objeto de estudo dessa pesquisa. Buscamos respaldo ainda em Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999), na obra *A invenção do Nordeste e outras artes*, a partir da qual compreendemos a imagem que ia sendo construída para a região Nordeste, difundida por meio de discursos pré-construídos pela mídia. Em busca de evidenciar alguns aspectos sobre a cidade de Campina Grande, trabalhamos com a obra de Severino Cabral Filho (2009), *A cidade revelada: Campina Grande em imagens e histórias*.

O desejo de construir este trabalho parte do interesse em analisar a postura da mídia em relação à região Nordeste. Sua postura negadora da História, da mudança, não percebe que esta região vem se desenvolvendo e ganhando seu espaço. A região, na maioria das vezes ou quase sempre, é representada a partir de uma posição de menosprezo, como se o Nordeste fosse o “primo pobre do País”, sempre necessitando de “ajuda”. Não temos o intuito de ofender ninguém, nem de acirrar disputas, muito menos de destacar superioridades/inferioridades de regiões. Apenas gostaríamos de evidenciar que existem aspectos bons e ruins em todos os lugares.

Destarte, o trabalho aqui apresentado atua como uma forma de contribuir para as pesquisas acadêmicas relacionadas a esta abordagem historiográfica, atuando no campo da História Cultural com vistas a proporcionar o desenvolvimento de pesquisas referentes a este campo de estudo. Temos como abordagem metodológica a análise de construções historiográficas, reportagens jornalísticas, entrevistas, como forma de analisar a construção desses discursos sobre a referida região mediante a fala de autores, procurando, assim, desenvolver um trabalho cuja perspectiva seja problematizar as mais diversas formas discursivas criadas de forma estereotipada sobre o Nordeste.

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro, denominado *História Cultural: Um novo olhar sobre a escrita da História*, terá como objetivo analisar o percurso da História Cultural, buscando um embasamento teórico para este estudo. O segundo capítulo, *A televisão atuando na construção e desconstrução de imagens criadas a partir*

dos discursos midiáticos sobre o Nordeste brasileiro, foi construído na perspectiva de evidenciar como o discurso que caracteriza e estereotipa a região Nordeste foi criado pela mídia, finalizando com o terceiro capítulo, *Campina Grande e a descrystalização dos estereótipos criados pela mídia*, no qual abordaremos alguns aspectos fundamentais da cidade de Campina Grande, tida como um dos polos tecnológicos em desenvolvimento na região Nordeste.

Esperamos, com este trabalho, contribuir com o debate historiográfico sobre o tema ora abordado e discutido, demonstrando o olhar midiático lançado sobre determinadas regiões, mais especificamente a região Nordeste, proporcionando, assim, o fortalecimento e o enriquecimento de pesquisas referentes a este campo de estudo.

I CAPÍTULO

HISTÓRIA CULTURAL: UM NOVO OLHAR SOBRE A ESCRITA DA HISTÓRIA

No monte Parnaso¹, morada das musas, uma delas se destacava. Seu nome era Clio, a musa da História. Sua fisionomia era serena, de olhar franco e beleza incomparável. Em suas mãos, o estilete da escrita, a trombeta da fama. No tempo dos homens, e não mais no tempo dos Deuses, Clio foi eleita a rainha das ciências, confirmando seus atributos de registrar o passado e deter a autoridade da fala sobre os fatos, homens e datas de um outro tempo, assinalando o que deve ser lembrado e celebrado. Neste novo milênio, os atributos e o perfil de Clio estão difundidos na chamada História Cultural, que corresponde, hoje, a cerca de 80% da produção historiográfica nacional, expressa não só nas publicações especializadas, sob a forma de livros e artigos científicos, mas também nas apresentações de trabalhos em congressos e simpósios ou ainda nas dissertações e teses, defendidas e em andamento, nas universidades brasileiras. Essa constatação, verificada a partir dos anos 90 do último século no Brasil, marca uma verdadeira *virada* dos domínios de Clio.

As alterações ocorridas no âmbito da História, porém, datavam de bem antes, se se levar em conta o panorama internacional. Os sintomas da mudança podem ser situados por volta dos anos de 1970 ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, com a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, o surgimento da *New Left*, em termos de cultura, ou mesmo a derrocada dos sonhos de paz do mundo pós-guerra. Foi quando então se insinuou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionando rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História. Nesse sentido, Pesavento (2005) destaca que:

De certa forma, podemos, por um lado, falar de um esgotamento de modelos e de um regime de verdades e de explicações globalizantes, com aspiração à totalidade, ou mesmo de um fim para as certezas normativas de análise da história, até então assentes. Sistemas globais explicativos passaram a ser denunciados, pois a realidade parecia mesmo escapar a enquadramentos redutores, tal a complexidade instaurada no mundo pós-Segunda Guerra Mundial (PESAVENTO, 2005, p. 08).

¹ Cf. Pesavento (2005, p. 07).

No século XIX, muitas ciências foram sistematizadas, recebendo um tipo de “configuração” (procedimentos metodológicos, formas de investigação etc.). A Sociologia, a Antropologia e a História são exemplos dessas ciências. Com isso, o século XIX é o século da cientificidade e os dois países considerados como os berços da moderna ciência da História são a Alemanha e a França. A filosofia alemã estava envolta na tradição metafísica, sobretudo derivada das reflexões de Immanuel Kant. Depois, houve as correntes de Hegel e Schopenhauer. Em meio a essa atmosfera de discussão filosófica, a História se desenvolvia enquanto um conceito singular, passando a existir como “História Universal”, ou seja, a História não mais trabalhava com “história particular”, história de grandes nomes e figuras; não mais só fazia “história dos vencedores”. A História agora passava a ser e fazer História da Humanidade como um todo.

Na Alemanha², a partir do início do século XIX, foi onde se desenvolveu a crítica histórica conhecida como escola metódica dita positivista. Os representantes mais eminentes dessa mudança na produção histórica alemã foram L. Von Ranke e B. Niebuhr, que exerceram influência capital sobre a historiografia europeia no século XIX. Eruditos, baseavam-se principalmente nos documentos diplomáticos para fazer a história do Estado e de suas relações exteriores, pois acreditavam que as relações diplomáticas determinavam as iniciativas internas do Estado. Isto pode ser explicado pelas circunstâncias vividas pela Alemanha na época: o povo alemão lutava pela unidade nacional e, portanto, a guerra e a política exterior pareciam fundamentais. Os positivistas acreditavam que, se adotassem uma atitude de distanciamento de seu objeto, sem com ele manter relações de interdependência, obteriam um conhecimento histórico objetivo, um reflexo fiel dos fatos do passado, isento de toda distorção subjetiva. O historiador, para eles, narra fatos realmente acontecidos e tal como eles se passaram.

A função do historiador seria a de recuperar os eventos, suas interconexões e suas tendências através da documentação e fazer-lhes a narrativa. Essas tendências, esse trabalho da história, podiam ser vistos no Estado e em suas atividades – a história se limitaria a documentos escritos e oficiais de eventos políticos (REIS, 2004, p. 16).

Na declaração de princípios, os positivistas queriam fazer “ciência objetiva”. Na prática, a narrativa histórica servia ao Espírito universal que se expressava no Estado, na

² Cf. Reis (2004, p. 15).

Religião e na Cultura. A Alemanha foi um dos primeiros centros de erudição e serviu de modelo aos outros. A França é o segundo país onde essa história erudita se instalou. Os “positivistas” franceses praticaram os mesmos princípios defendidos por Ranke, mas traduzidos para o espírito francês. A história se liberou da literatura e era ensinada de forma autônoma na universidade francesa, seguindo o modelo das faculdades alemãs. “Método” tornou-se a palavra-chave e o que distinguia a História da Literatura.

A História se profissionalizou definitivamente – numerosas cadeiras na universidade, sociedades científicas, coleções de documentos, revistas, manuais, publicação de textos históricos. A história era basicamente positivista. Consistia na exaltação de grandes homens, grandes feitos, uma história política que, em muitos casos, era uma forma de legitimação. Quaisquer outras abordagens históricas, quando tentadas, dificilmente recebiam o devido interesse. Para Reis (2004, p. 17), “A tarefa do historiador consiste em reunir um número significativo de fatos, que são ‘substâncias’ dadas através dos documentos ‘purificados’, restituídos à sua autenticidade externa e interna”.

Aos poucos, essa história positivista fortemente influenciada pelas Ciências Naturais começou a receber duras críticas. Foi então que Lucien Febvre e Mark Bloch criaram a revista *Annales*, criada na França em 1929. Mais tarde, passou a ser conhecida como Escola dos *Annales*, tendo sido responsável pela criação do que hoje é chamado de “Nova História”. Sua metodologia, que futuramente se estabeleceu como novo paradigma, consistia em abrir caminho para uma interdisciplinaridade entre a História e as Ciências Sociais, aos poucos estendendo esta conexão com outras disciplinas, como a Geografia, a Antropologia e a Psicologia. A História, que até o momento consistia apenas em apresentar a narrativa de acordo com as fontes – e, nesse caso, as fontes dificilmente ultrapassavam os limites da escrita –, passou a apresentar mais do que narrativas, mas problemáticas, deixando de focar exclusivamente em grandes feitos, abrindo caminho para o estudo de temas cotidianos. Mais do que narração de fatos, essa “Nova História” está carregada de senso crítico, e essa roupagem que lembrava as ciências sociais conferiu à História uma concepção mais científica, que até o momento relutava-se em admitir.

A primeira geração da Escola dos *Annales* foi liderada basicamente pelos seus criadores: Lucien Febvre e Mark Bloch. Estes, entre outros interesses, buscavam mais do que as singularidades da História, marca positivista, mas uma “História das mentalidades”. Algo diferente do que o líder da segunda geração da escola, Fernand Braudel, focalizou. Braudel acreditava em uma História de “três períodos”: a História de curta duração, média duração e longa duração.

A primeira pode ser explicada através de uma analogia com as notícias que diariamente vemos nos jornais, caracterizada por fatos que fazem parte de uma História efêmera. Um período maior classifica-se como média duração e, por fim, a História de longa duração é aquela que, para Braudel, importava, pois não sofria interferência de pequenos fatos da História de curta duração. Criando sua metodologia pautada em uma história que, mantendo-se interdisciplinar, era claramente quantitativa, Braudel usou a demografia e o tempo como objetos de estudo.

A terceira geração da Escola dos Annales, conduzida por Jacques Le Goff, ficou mais conhecida como a “Nova História”, segundo a qual toda atividade humana é considerada história. O movimento sofreu duras críticas devido ao seu tipo de abordagem. Por conta disto, os historiadores a ele vinculados foram acusados de negligenciar a história política. A crítica, no entanto, não procedia, pois o afastamento da história política não era algo generalizado dentro dos Annales. Nesta época, há uma retomada da história narrativa e de eventos. A terceira geração traz uma fase marcada pela fragmentação e por exercer grande influência sobre a historiografia e sobre o público leitor, em abordagens que comumente chamamos de “Nova História” ou “História Cultural”.

A dinâmica social se tornava mais complexa com a entrada em cena desses “novos grupos”, portadores de novas questões e interesses. Os modelos correntes de análises não davam mais conta, diante da diversidade social, das novas modalidades de fazer política, das renovadas surpresas e estratégias da economia mundial e, sobretudo, da aparentemente *escapada* de determinadas instâncias da realidade, como a cultura ou os meios de comunicação da massa, aos marcos nacionais. Por outro lado, contraditoriamente, a consolidação de determinados paradigmas conduzia até então a uma aparentemente confortável certeza: a de que tudo já estava predito, com o que se condenavam a explicações do real à fixidez dos modelos. Isso, em princípio, negava ao processo de construção do conhecimento sobre o mundo a aventura da descoberta. As respostas já estavam lá, pelas lógicas de explicação estabelecidas e consagradas, antes mesmo do trabalho de investigação ser iniciado. As hipóteses tornavam-se inócuas, porque, de antemão, as explicações já estavam dadas e sabidas, inviabilizando, dessa forma, a pertinência da pergunta.

O marxismo e a Escola dos Annales foram as duas posições interpretativas da História que sofreram críticas. Entretanto, a crítica ou a contestação de certas posturas historiográficas presentes nesta ruptura dos paradigmas das últimas décadas do século XX não representou uma ruptura completa com as matrizes originais, ou seja, foi ainda de dentro da vertente neomarxista inglesa e da história francesa dos Annales que veio o impulso de renovação,

resultando na abertura desta nova corrente historiográfica chamada de História Cultural ou de Nova História Cultural.

Essa expressão *Nova História Cultural* faz lembrar que antes teria havido uma velha, antiga ou tradicional História Cultural. Foram deixadas de lado concepções de viés marxista, que entendiam a cultura como integrante da superestrutura, como mero reflexo da infraestrutura, ou mesmo da cultura como manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínios das elites. Também foram deixadas para trás concepções que opunham a cultura erudita à cultura popular, esta ingenuamente concebida como reduto do autêntico. Longe vão também as assertivas herdeiras de uma concepção da *belle époque*, que entendia a Literatura e, por extensão, a cultura como o *sorriso da sociedade*, como produção para o deleite e a pura fruição do espírito.

Se a História Cultural³ é chamada de Nova História Cultural, como o faz Lynn Hunt, é por estar dando a conhecer uma nova forma de a História trabalhar a cultura. Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. Aquelas concepções mais antigas foram agora substituídas por essa modalidade vencedora de entendimento da cultura, que ganhou espaço junto às universidades e à própria mídia, pois, tanto em termos mundiais quanto no Brasil, vemos acontecer um fenômeno em torno do qual nunca se escreveu nem se leu tanto sobre História. E isto se deve, em grande parte, a essa aludida *virada* na área. O olhar de Clio mudou e voltou-se para outras questões e problemas, para outros campos e temas. Segundo Pesavento (2005, p. 15):

Não há mais a posse de documentos ou a busca de verdades definitivas. Não mais uma era de certezas normativas, de leis ou modelos a regerem o social. Uma era de dúvidas, talvez, de suspeita, por certo, na qual tudo é posto em interrogação, pondo em causa a coerência do mundo. Tudo o que foi, um dia, contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje acontece terá, no futuro, várias versões narrativas.

Na história da historiografia⁴, o avanço para o social foi estimulado pela influência de dois paradigmas de explicação dominantes: o marxismo, por um lado, e a Escola dos Annales, por outro. Embora dificilmente se pudesse considerar o marxismo como novidade nas décadas

³ Cf. Pesavento (2005, p. 15).

⁴ Cf. Lynn Hunt (2001, p. 02).

de 1950 e 1960, despontavam em primeiro plano, dentro daquela modalidade explicativa, novas correntes que fomentavam o interesse dos historiadores pela história social. No final da década de 1950 e nos primeiros anos da de 1960, um grupo de jovens historiadores marxistas começou a publicar livros e artigos sobre “a história vinda de baixo”, inclusive os atualmente clássicos estudos de George Rudé sobre as classes populares parisienses; de Albert Soboul, sobre os *sans-culottes* parisienses e os de E. P. Thompson, sobre a classe operária inglesa.

Com essa inspiração, os historiadores das décadas de 1960 e 1970 abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e instituições políticas e direcionaram seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres. Ainda que uma influência mais recente, a Escola dos Annales adquiriu proeminência na mesma época. Nos últimos anos⁵, contudo, os próprios modelos de explicação que contribuíram de forma mais significativa para a ascensão da história social passaram por uma importante mudança de ênfase, a partir do interesse cada vez maior, tanto dos marxistas quanto dos adeptos dos Annales, pela História Cultural. Na história da inspiração marxista, o desvio para a cultura já estava presente na obra de Thompson sobre a classe operária inglesa.

O desafio aos velhos modelos⁶ foi especialmente rigoroso na Escola dos Annales. Embora a história econômica, social e demográfica tenha permanecido dominante na própria *Annales*, respondendo por mais da metade dos artigos entre 1965 e 1984, a história intelectual e cultural passou a ocupar um sólido segundo lugar, com algo em torno de 35 por cento dos artigos, contra 11 a 14 por cento para história política. À medida que a quarta geração dos historiadores dos Annales passou a preocupar-se cada vez mais com aquilo que, muito enigmaticamente, os franceses chamavam *mentalités*, a história econômica e social sofreu um recuo em termos de sua importância. Esse interesse aprofundado pelas *mentalités* (mesmo entre os membros da geração mais velha dos historiadores dos Annales) levou também novos desafios ao paradigma dos Annales. Os historiadores da quarta geração dos Annales⁷, como Roger Chartier e Jacques Revel, rejeitam a caracterização de *mentalités* como parte do chamado terceiro nível de experiência histórica. Para eles, o terceiro nível não é de modo algum um nível, mas um determinante básico da realidade histórica.

Ao se voltarem para a investigação das práticas culturais, os historiadores dos Annales, como Chartier e Revel, foram influenciados pela crítica de Foucault acerca dos

⁵Cf. Lynn Hunt (2001, p. 05).

⁶Id. p. 08.

⁷Ibid. p. 09 Id.

pressupostos fundamentais da história social. Foucault demonstrou a inexistência de quaisquer objetos intelectuais “naturais”. Como explicou Chartier, citado por Hunt (2001, p. 10):

A loucura, a medicina e o Estado não são categorias que possam ser conceituadas em termos de universais cujos conteúdos são particularizados por cada época; são historicamente dados como “objetos discursivos”, e uma vez sendo historicamente fundamentados, e, por implicação, sempre sujeitos a mudanças, não podem oferecer uma base transcendental ou universal para o método histórico.

Existem algumas semelhanças⁸ entre Foucault e os historiadores da primeira e da segunda geração dos Annales. Todos esses estudiosos estavam em busca de regras anônimas que governassem as práticas coletivas, e todos tiveram parte em deslocar da História o “sujeito” individual. Ao contrário das primeiras gerações de historiadores dos Annales, Foucault era fundamentalmente antipositivista. Não acreditava que as ciências sociais pudessem unir-se na investigação da natureza do homem, exatamente porque repudiava o próprio conceito de “homem” e a própria possibilidade de método nas ciências sociais. Na verdade, alguns críticos chegaram a chamar suas “genealogias” de “antimétodo”. Mesmo que Foucault não tenha sido inteiramente bem sucedido⁹ na abertura de um terceiro caminho através dos domínios da História Cultural, ao lado do marxismo e da Escola dos Annales, não se pode negar sua enorme influência sobre a conceituação do campo.

Chartier¹⁰, citado por Hunt (2001), enfatiza que os historiadores da cultura não devem substituir uma teoria redutiva da cultura enquanto reflexão da realidade social por um pressuposto igualmente redutivo de que os rituais e outras formas de ação simbólica simplesmente expressam um significado central, coerente e comunal. Tampouco devem esquecer-se de que os textos com os quais trabalham afetam o leitor de formas variadas e individuais. Os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias, e os historiadores da cultura devem criar suas próprias estratégias para lê-los. Os historiadores sempre foram críticos com relação a seus documentos – e nisto residem os fundamentos do método histórico.

⁸ Cf. Lynn Hunt (2001, p. 10).

⁹ Id. p. 11.

¹⁰ Ibid. p. 18 Id.

Também é salientado o papel do gênero¹¹, uma das mais críticas configurações de diferenciação na cultura e na sociedade. Sem alguma discussão do gênero, nenhum relato de unidade e diferença culturais pode estar completo. A importância do gênero, porém, extrapola sua posição inegavelmente central na vida social e cultural. Os estudos da história das mulheres, nas décadas de 1960 e 1970, e a ênfase mais recente sobre a diferenciação dos gêneros tiveram um importante papel no desenvolvimento dos métodos da história da cultura em geral. Em particular nos Estados Unidos e talvez exclusivamente nesse país, a história das mulheres e os estudos de gênero passam a ocupar o primeiro plano da Nova História Cultural. Em *The cultural uses of print in early modern France*, Chartier reitera sua convicção de que:

A cultura não se situa acima e abaixo das relações econômicas e sociais, nem pode ser alinhada com elas. Todas as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido a seu mundo (CHARTIER, 1988 apud HUNT, 2001, p. 25).

Os historiadores da cultura¹², particularmente, são forçados a se tornar mais conscientes das consequências de suas opções formais e literárias, das quais geralmente não são conscientes. A narrativa mestra, ou códigos de unidade ou diferença, a escolha de alegorias, analogias ou tropos, as estruturas de narrativa, tudo isso tem consequências de peso para a escrita da História. Na década de 1960, deu-se grande ênfase à identificação das tendências políticas de um autor, à tentativa de situar-se como historiador num mundo político e social mais amplo. As questões são agora mais sutis, mas não menos importantes. Os historiadores estão se conscientizando cada vez mais de que suas escolhas supostamente objetivas de técnicas narrativas e formas de análise também têm implicações sociais e políticas, e nem sempre a reflexão sobre tais questões é agradável para os historiadores.

Tomando como ponto de referência Michel Foucault, na obra *Microfísica do Poder*, para dar ainda mais consistência ao texto aqui exposto como trabalho de conclusão do curso de licenciatura em História, abordaremos a questão do conceito de poder, saber e discurso, bem como suas relações segundo as teorias deste filósofo. No entanto, é preciso enfatizar que não existe, em Foucault, uma teoria geral do poder¹³. Vale dizer que suas análises não consideram o poder como realidade investida de uma natureza, uma essência a ser definida

¹¹ Cf. Linn Hunt (2001, p. 23).

¹² Id. p. 27.

¹³ Foucault (1979, p. X) – Introdução da obra *Microfísica do poder*.

por suas características universais. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação.

Portanto, o poder não é um objeto natural ou uma coisa, mas uma prática social e, como tal, constituída historicamente. Entretanto, os poderes não se encontram localizados em pontos específicos da estrutura social. Segundo Foucault (1979), o poder não existe. O que existem são práticas ou relações de poder, ou seja, o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona como máquina social e se dissemina por toda a estrutura social, não sendo uma coisa ou objeto, mas uma relação investida de eficácia produtiva e uma riqueza estratégica. O autor enfatiza que:

Ninguém se preocupava com a forma como ele (o poder) se exercia concretamente e em detalhe, com sua especificidade, suas técnicas e suas táticas. Contentava-se em denunciá-lo no “outro”, no adversário, de uma maneira ao mesmo tempo polêmica e global: o poder no socialismo soviético era chamado por seus adversários de totalitarismo, no capitalismo ocidental, era denunciado pelos marxistas como dominação de classe, mas a mecânica do poder nunca era analisada. Só se pôde começar a fazer este trabalho depois de 1968, isto é, a partir das lutas cotidianas e realizadas na base com aqueles que tinham que se debater nas malhas mais finas da rede do poder. Foi aí que apareceu a concretude do poder e ao mesmo tempo a fecundidade possível destas análises do poder, que tinham como objetivo dar conta destas coisas que até então tinham ficado à margem do campo da análise política. (FOUCAULT, 1979, p. 06.)

Contudo, o que faz com que o poder se mantenha¹⁴ e que seja aceito é o simples fato de que ele não pesa só como uma força que diz não. Efetivamente, ele permeia, induz ao prazer, produz coisas, erige saber e *produz discurso*, devendo-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social, muito além do que uma instância negativa cuja função é reprimir. Portanto, destaca-se o poder como um tipo de “relação social” que, mutuamente com o saber, forma estas relações que atravessam toda a sociedade. Não existiriam relações de poder sem a constituição de um campo de saber e, reciprocamente, o saber constitui novas relações de poder, no âmbito das quais todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber.

Cada sociedade¹⁵ tem seu regime de poder, de saber e de verdade, sua “política geral” de verdade. Nesse panorama, figuram os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros, os mecanismos e as instâncias capazes de distinguir os enunciados

¹⁴ Cf. Foucault (1979, p. 08).

¹⁵ Cf. Foucault (1979, p. 12).

verdadeiros dos falsos, as técnicas e procedimentos valorizados para a obtenção da verdade, o estatuto daqueles cujo encargo é dizer o que funciona como verdadeiro. É isto que temos por objetivo demonstrar no decorrer deste trabalho, enfatizando essas relações de poder, a força dos discursos e as vontades de verdade que se propagam em relação ao Nordeste brasileiro.

Discursos que, em sua grande maioria, inferiorizam a imagem da região Nordeste do nosso país, a qual, por aproximadamente 300 anos, foi uma das mais ricas do Brasil e durante muito tempo foi e ainda é discriminada por muitas pessoas através da mídia e das redes sociais. Tal discriminação se dá por diversos motivos. A mídia só evidencia o “lado sofrido” da região, fortalecendo uma imagem negativa e inserindo nas mentes um discurso e um saber preconceituoso em relação aos nordestinos, sua cultura e região. Entretanto, não estamos querendo libertar a verdade do sistema de poder, pois, segundo Foucault (1979), isto seria uma quimera, já que a própria verdade é poder. Trata-se de uma tentativa de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia sociais, econômicas e culturais no interior das quais ele funciona.

II CAPÍTULO

ATELEVISÃO ATUANDO NA CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE IMAGENS CRIADAS A PARTIR DOS DISCURSOS MIDIÁTICOS SOBRE O NORDESTE BRASILEIRO

A televisão tem sido um dos inventos que mais tem provocado elogios, ao mesmo tempo em que desperta um grande número de críticas. São muitos os seus defensores, mas cresce o número dos que a condenam por condicionar a mente dos seus telespectadores, notadamente dos mais jovens. Ela fez a sua estreia no mundo quando o escocês John Logie Baird exibiu publicamente no vídeo a imagem de um rosto humano¹⁶. O cenário foi Londres e o ano, o de 1926.

Daquela época até os nossos dias, a televisão tem passado por muitos aperfeiçoamentos e o seu desenvolvimento tecnológico é testemunhado por todos, assim como os seus subprodutos, como o videocassete, o videogame, o DVD e muitos outros. Com o advento dos satélites artificiais, nos anos 1960, a retransmissão imediata de acontecimentos em qualquer local do mundo tornou-se um fato rotineiro. A Internet, mais uma de suas “crias”, ampliou a possibilidade de divulgar diversos outros modos de comunicação.

Em todo lugar do planeta, as imagens de ocorrências são levadas, instantaneamente, a todos, desde as localidades mais distantes, nos interiores do país, aos habitantes das megalópoles, atingindo as famílias mais “carentes”, bem como os moradores das grandes favelas e também os habitantes do mundo inteiro. Com isto, estamos nos tornando, neste século, telespectadores habituais de nossa própria conduta.

Em seu aspecto tecnológico, trata-se de um objeto eletrônico fantástico, cujo impacto nos meios de comunicação não pode ter sido imaginado por seus idealizadores. A sua utilidade como veículo de som, imagem e comunicação extrapolou as perspectivas dos seus pioneiros mais otimistas, tornando-se, rapidamente, um poderoso instrumento de influência na conduta humana e de condicionador das mentes de pessoas leigas, influenciando os hábitos, costumes e cultura dos povos. Por menor que seja, não há qualquer área da vida à qual a TV não ofereça algum tipo de contribuição – positiva ou negativa – e não resta dúvida de que a “telinha” transformou a vida dos seres humanos, incorporando-se ao cotidiano de todos nós.

¹⁶Maiores informações a este respeito podem ser apreciadas no link <<http://www.historiadetudo.com/televisao>>.

Assim, como muitos inventos, a televisão não é boa nem má. Ela apenas reflete o nível e o perfil mental da sociedade que lhe é contemporânea. Nos países desenvolvidos¹⁷, existe um aparelho de TV em toda residência, e algumas pesquisas já realizadas evidenciam que o tempo gasto por crianças e jovens assistindo à televisão é 50% maior que o tempo dedicado a qualquer outra atividade do cotidiano, prejudicando principalmente o desempenho escolar. Portanto, já se renunciava o “poder” da televisão nas mentes das pessoas, principalmente nas mais imaturas, como as crianças, adolescentes, indivíduos sem formação escolar e leigos.

Comerciantes, publicitários, os “donos” das emissoras são os responsáveis pelo “desvio” de sua finalidade original: cultura, entretenimento saudável, utilidade pública. Despontam principalmente imensos interesses comerciais e políticos, que se escondem por trás da televisão. A televisão, a faca, a energia nuclear, as drogas e tantos outros inventos e descobertas foram idealizados para fins positivos e úteis para a humanidade. Entretanto, sabemos do que são capazes tais criações nas mãos de indivíduos inescrupulosos. As suas maiores vítimas são as crianças, adolescentes e leigos, ainda destituídos da capacidade psicológica para analisar e discernir as mensagens projetadas nas suas mentes imaturas.

As pessoas que possuem um senso crítico mais aguçado não conseguem digerir a maior parte dos programas exibidos pela televisão aberta¹⁸, embora não se possa afirmar que não existem programas de grande utilidade social. É claro que ainda se vê bons programas. Todavia, quase sempre, a programação televisionada está impregnada de sexo vulgar, violência, prostituição, traições conjugais e de toda ordem de crimes, desvios morais, matérias e imagens preconceituosas sobre outras regiões que são consideradas “atrasadas”, “pobres” e que necessitam de ajuda.

Exemplo disso é o Nordeste brasileiro. É possível destacar o caso da telenovela *Império*¹⁹, exibida pela Rede Globo de 21 de julho de 2014 a 13 de março de 2015. A ficção chamou atenção pelo forte teor preconceituoso com relação aos nordestinos devido ao momento em que se encontrava o cenário político brasileiro. Em meio a manifestações revoltadas de militantes de um determinado partido político, que defende a intervenção militar

¹⁷ Para saber mais: <<http://www.ufrgs.br/alcar/noticias-dos-nucleos/artigos/A%20INFLUENCIA%20DA%20MIDIA%20NA%20CRIANCA%20PRE-ADOLESCENTE%20E%20A%20EDUCOMUNICACaO%20COMO%20MEDIADORA%20DESSE%20CON TATO.pdf>>.

¹⁸ É sabido que a TV por assinatura oferece um entretenimento selecionado, pontilhado de documentários, filmes, séries, reality shows e noticiários de qualidade superior à programação oferecida pela TV aberta, que é gratuita.

¹⁹ O link <<http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/159516/De-mansinho-Globo-investe-em-golpe-e-preconceito.htm>> traz maiores informações sobre isto.

no poder, o separatismo no país e disseminam o ódio contra nordestinos, após a derrota nas eleições presidenciais, uma personagem criticou a democracia.

A declaração veio após uma discussão entre dois dos filhos da referida personagem. Um deles questionou o “sucesso” da irmã ao se envolver com um nordestino: “Ela se deu bem se envolvendo com um nordestino, um retirante, um borra botas?”. Ele se cala ao ser lembrado pelo irmão de que o próprio pai deles é um nordestino. Logo em seguida, a mãe dos rapazes dispara: “Isso é democracia, gente! O pior dos regimes! Onde já se viu dar oportunidades iguais para todo mundo? Esquecer que alguns têm mais direitos que outros por terem tido berço? Democracia, como diz o outro, é dar poder aos piolhos de comerem o leão. É triste, é o fim²⁰!”.

Eis a imagem que se passa em relação ao Nordeste e ao nordestino: uma imagem e um imaginário preconceituoso, separatista, concebendo que o nordestino é o pobre, representado via de regra pelo retirante que vai para São Paulo tentar a sorte. Embora a intenção do autor da telenovela, Aguinaldo Silva, tenha sido a de ironizar os acontecimentos que ocorriam no cenário brasileiro devido ao conturbado processo eleitoral que manteve no poder a presidente Dilma Rousseff, a mensagem contribui para disseminar ideias antidemocráticas e antipopulares. O dramaturgo é pernambucano e viveu na pele os anos de chumbo, chegando a ter parte de sua obra censurada. Contudo, queremos deixar claro que não estamos sendo contemporâneos demais por estar abordando um acontecimento bastante atual ocorrido no cenário televisivo do nosso país, pois é de extrema importância demonstrar tais exemplos e tais atitudes de preconceito que ainda hoje estão enraizadas na mente de várias pessoas.

Isto remete à questão dos discursos regionalistas²¹ que surgem na segunda metade do século XIX, à medida que se dava a construção da nação e que a centralização política do Império ia conseguindo se impor sobre a dispersão anterior. Quando a ideia de pátria se impõe, há uma enorme reação partindo de diferentes pontos do país. Este regionalismo se caracterizava, todavia, pelo apego a questões provinciais ou locais, já trazendo a semente do separatismo.

A escolha de elementos como o cangaço, o messianismo, o coronelismo, a seca como temas definidores do Nordeste, se faz em meio à multiplicidade de outros fatos, que, no entanto, não são iluminados como matérias capazes de dar uma cara à região. A escolha, porém, não é aleatória. Ela é dirigida pelos interesses em jogo, tanto no interior da região que se forma, como na

²⁰ SILVA, Aguinaldo. **Império** (Telenovela). Diretor: Rogério Gomes. Rio de Janeiro: Rede Globo, 21 de julho de 2014 a 13 de março de 2015. 203 episódios. Diálogos transcritos livremente pelo pesquisador.

²¹ Cf. ALBUQUERQUE JR. (1999, p. 47).

sua relação com outras regiões. O discurso regionalista não é apenas um discurso ideológico, que desfiguraria uma pretensa essência do Nordeste ou de outra região. O discurso regionalista não mascara a verdade da região, ele a institui (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 49).

O Nordeste e o Nordestino²² são uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. E é tal a consistência desta formulação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço. Portanto, essas figuras, signos, temas que são destacados pela mídia para preencher a imagem da região impõem-se como verdade pela repetição. Por esses e outros motivos, temos o intuito de, com este estudo, alertar para as consequências negativas decorrentes da influência da mídia sobre o comportamento individual e social, um fator preocupante principalmente em relação à antipatia por pessoas de outras regiões do país.

Embora o indivíduo preconceituoso possa nunca ter visitado as regiões que hostiliza, o simples fato de a mídia focar somente o aspecto árduo da região já é motivo suficiente para que ele se ache “superior” àquele que vem morar ou visitar o seu estado. Nordestinos constantemente viram motivo de chacota e humilhação nas ruas, redes sociais e locais de trabalho, pois grande parte dos sulistas considera todo nordestino como sendo pobre, burro, malcheiroso e faminto.

Não raro, os sulistas se referem a um nordestino através de um termo pejorativo, como “PARAÍBA” ou “CABEÇÃO”, termos imbuídos de uma conotação de insulto para qualquer nordestino ou pessoa que tenha o sotaque ao menos parecido com o de um. O que muita gente ainda não sabe²³ é que, no Brasil, o discurso de ódio e discriminação com relação à origem é crime. Calúnia (art. 138 do Código Penal), Difamação (art. 139 do Código Penal) e Injúria (art. 140 do Código Penal) dependem de queixa realizada pela própria vítima. Estes crimes, mesmo cometidos pela internet e outros meios de comunicação, devem ser denunciados pela vítima na delegacia mais próxima de sua residência ou em uma delegacia especializada em crimes cibernéticos.

Sabemos que, desde muito tempo, os sulistas não admitem que a região Nordeste é “rica” em vários aspectos e tentam veicular uma imagem negativa, uma imagem preconceituosa [*sic*]. Isto afeta a mente de pessoas leigas, crédulas em tudo o que se passa na TV,

²² Cf. Albuquerque Jr. (1999, p. 49).

²³ Outras informações podem ser consultadas em:

<<http://www.safernet.org.br/site/prevencao/orientacao/calunia>>.

sem ao menos conhecer a história de outras regiões, pois não é de se espantar o desconhecimento até da história do próprio Estado onde moram e do quanto se orgulham.

Se nos detivermos à história da região Nordeste, veremos que, durante muito tempo, o ela foi a região econômica e politicamente mais próspera do Brasil. Mas, com o declínio da produção açucareira e o crescente interesse do mercado internacional pelo café, essa região e seu produto gerador de riqueza, a cana-de-açúcar, perderam espaço para o sul do país, produtor de café. Essa situação de decadência econômica enfrentada pela região levou ao desespero vários senhores de engenho que viam seus interesses econômicos ruírem dia após dia. Esse quadro perdurou até o início do século XX, quando o Nordeste como região geográfica foi criado, embasado num discurso de ser esta uma região carente de investimentos (entenda-se: ajuda). A diferenciação progressiva entre o Norte e o Sul do país já era tema de diferentes discursos desde o final do século XIX.

O Sul, notadamente São Paulo, era e ainda hoje é considerado por muitas pessoas como “o centro de polarização dos elementos arianos da nacionalidade”, “local de uma aristocracia moral e psicologicamente superior”. O Sul seria o fundamento da nação, em detrimento daquelas áreas “onde dominavam as camadas plebeias, mestiças, profusa mistura de sangues bárbaros”, inferiores psicologicamente, ou desorganizadas em sua oralidade. O destino do Norte era ficar cada vez mais subordinado à influência dominante dos grandes campos de atração do Sul. Os elementos mais “eugênicos” do Norte, capazes de enfrentar as novas condições sociais que surgiam no Sul, tendiam a migrar, drenando para esta área os mais ousados, ativos, ambiciosos e enérgicos. Ao passo que, na área setentrional do país, ficariam apenas os degenerados raciais e sociais.

Estes movimentos migratórios são fundamentais para a própria reordenação das espacialidades do país. Áreas que praticamente se desconheciam e populações que pouco contatavam, embora compusessem o mesmo país, iniciam um contato e um conhecimento mais apurado. É nesse momento que muitos dos estereótipos que marcam os diferentes espaços e populações do país se gestaram (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 57).

Segundo tais concepções, o Nordeste estaria condenado pelo clima e pela raça à decadência. Discursos partidos de ambos os espaços explicavam assim o atraso do país e reivindicavam a realização providencial de injeção concentrada de sangue restaurador europeu, já que o nordestino era geralmente pequeno e descarnado, tendendo a envelhecer precocemente.

A questão da influência do meio²⁴ era a grande arma política do discurso regionalista nortista, “desde que a seca foi descoberta”, em 1877, como um tema que mobilizava, emocionava e servia de argumento para exigir recursos financeiros, construção de obras, cargos no Estado etc. O discurso da seca e sua “indústria” passam a ser a “atividade” mais constante e lucrativa nas províncias e depois nos Estados no Norte, diante da decadência de suas atividades econômicas principais: a produção do açúcar e do algodão. A seca torna-se o tema central no discurso dos representantes políticos do Norte, que a instituem como o problema de suas províncias ou Estados.

Essa criação do Nordeste construiu a imagem de uma região marcada pela necessidade de ajuda oriunda das outras regiões economicamente mais desenvolvidas, pelo fato de serem “pobrezinhos” e “marginalizados”, quando, na verdade, isto não se verifica por “arbitrio divino”. Ainda há quem acredite na ideia de um Nordeste hegemônico em vários aspectos, embora não o seja. Para chegarmos a esta conclusão, não é necessário ser um especialista em economia, geografia ou cultura. Basta observar para constatar que a região Nordeste é culturalmente diferente da Bahia ao Maranhão. O mesmo pode ser observado em outros aspectos, como o econômico, o educacional e o social.

A criação do Nordeste e da figura do nordestino foi minuciosamente pensada a partir de uma série de temáticas que, unidas, compõe o que foi e ainda é caracterizado hoje. O nordestino é a imagem de sua própria terra, ou seja, é culturalmente ligado à terra e ao passado rural. Enfim, “representa o atraso, o dependente, o necessitado de ajuda”. A construção dessa imagem é bastante visível nas obras literárias da década de 1930 e no cinema, ao disseminar a imagem de um Nordeste seco e miserável, desmentida quando as pessoas quando chegam aqui se deparam com a ausência das mulheres de barriga inchada e dos menininhos “buchudos” e sem roupas. Esse discurso tornou-se eficaz, uma vez que plantou “dentro de cada um” o germen do complexo de inferioridade, a ideia de que os nordestinos são inferiores e dependentes do que vem de fora, de que são infelizes por essa condição de vítimas da “sorte”.

O discurso da seca, traçando “quadro de horrores”, vai ser um dos responsáveis pela progressiva unificação dos interesses regionais e um detonador de práticas políticas e econômicas que envolvem todos “os Estados sujeitos a este fenômeno climático”. A descrição das “misérias e horrores do flagelo” tenta compor a imagem de uma região “abandonada, marginalizada pelos poderes públicos”. Este discurso faz da seca a principal arma para colocar em âmbito nacional o que chama de interesses dos

²⁴ Cf. Albuquerque Jr. (1999, p. 58).

Estados do Norte, compondo a imagem de uma área “miserável, sofrida e pedinte”. Este discurso da seca vai traçando assim uma zona de solidariedade entre todos aqueles que se colocam como porta-vozes deste espaço sofredor (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 59).

O banditismo ou o cangaço²⁵ é também outro tema eleito pelo “discurso do Norte” para atestar as consequências perigosas das secas e da falta de investimentos do Estado na região, de sua não modernização, adquirindo uma conotação pejorativa que vai marcar o nordestino com o estigma da violência, da selvageria. Esse medo do nordestino e, especialmente, do homem de cor negra emerge com a constante insubordinação dos escravos, importados do Norte para o Sul. Submetidos a um ritmo de trabalho mais intenso e relações sociais mais despersonalizadas, esses escravos tendiam a se amotinar, notadamente num período em que a consciência do eminente fim da escravidão crescia até mesmo entre a massa escrava. A fama do “negro mau” vindo do Norte está presente nos discursos que abolicionistas ou “antiabolicionistas” fazem na Assembleia Provincial de São Paulo e marcam a imagem do “homem do Norte”, desde o século anterior. O “Nordeste” é o exemplo do que o “Sul” não deveria ser. É o modelo contra o qual se elabora “a imagem civilizada do Sul”.

O Nordeste e os nordestinos seriam primitivos? Para a mídia, sim. Ano após ano, década após década, na TV, o nordestino é sempre o mesmo, com seus “visses” e “oxentes”, que realçam essa imagem de homem primitivo e rústico. A fala, os gestos e sentimentos de personagens que representam nordestinos são sempre risíveis ou rebaixados pela mídia. A imagem do nordestino na TV é quase sempre a de um indivíduo sentimental, espontâneo, sem inteligência, sem poder de discernimento das coisas, ou então áspero, bruto, sujo, banguela, mau vestido ou metido num gibão, devotado às artes da peixeira e do bacamarte ou ainda a uma religiosidade fanática, ofuscante. E mesmo que a região se desenvolva, com gente preparada, que estuda, cria cultura e conhecimento de qualidade, isto não importa para os ideólogos da aspereza, da tipificação imbecilizadora, pequena. Gera-se, assim, cada vez mais, um discurso de ódio e discriminação contra o Nordeste, já que se transmite esse tipo de imagem e as pessoas, em geral, tomam-no como sendo uma verdade absoluta.

Desta feita, o discurso do Nordeste miserável e atrasado ainda é muito forte. Muitos dos próprios nordestinos fortalecem a imagem de Nordeste pobre e atrasado, julgando que mostrar a tradição na TV é algo “Fantástico”. É lógico que a tradição precisa ser mantida. Afinal, isto é cultura, mas precisa-se saber conciliar o tradicional com o moderno e não negar a modernização como sendo algo que irá “matar” ou “arrancar” de nós as nossas

²⁵ Cf. Albuquerque Jr. (1999, p. 61).

raízes. Não obstante, a imagem do Nordeste como uma região pobre e atrasada só vai mudar quando os próprios nordestinos tomarem a iniciativa de mudar sua concepção de serem “inferiores e dependentes” de “ajuda”.

O termo Nordeste é usado inicialmente para designar a área de atuação da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS) criada em 1919. Neste discurso institucional, o Nordeste surge como a parte do Norte sujeita as estiagens e, por essa razão, merecedora de especial atenção do poder público federal. O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como o problema mais importante desta área. Estes discursos, bem como todas as práticas que este fenômeno suscita, paulatinamente instituem-no como um recorte espacial específico, no país (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 68).

É a seca que chama a atenção dos veículos de comunicação para a existência do Nordeste e de seus “problemas”. Ela é, sem dúvida, o primeiro traço definidor do Nordeste, diferenciando-o do Sul. A seca de 1877-1919, a primeira a ter grande repercussão nacional pela imprensa e a atingir setores médios dos proprietários de terra, trouxe um volume considerável de recursos para as “vítimas do flagelo” e fez com que as bancadas “nortistas” no Parlamento descobrissem a poderosa arma que tinham nas mãos para reclamar tratamento igual àquele concedido ao “Sul”. A seca torna-se, a partir daí, o problema de todas as províncias e, depois, dos Estados do Norte. Com isto, os intelectuais e políticos ligados ao IFOCS²⁶ tentam construir uma imagem e um texto único, homogêneo para a região, acabando com os “vários nordestes que entupiam as livrarias, uns sinceros, outros não”. O Nordeste devia ser visto e lido numa só direção para que seu efeito de verdade fosse eficiente politicamente, fortalecendo dia após dia, ano após ano esse estereótipo de Nordeste pobre, atrasado e carente.

²⁶ Inspeção Federal de Obras Contra as Secas.

III CAPÍTULO

CAMPINA GRANDE E A DESCRISTALIZAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS CRIADOS PELA MÍDIA

O final da década de 1920 e, principalmente, a década de 1930 marcam a transformação da literatura regionalista em “literatura nacional”. A emergência da análise sociológica do homem brasileiro como uma necessidade urgente, colocada pela formação discursiva nacional-popular, confere ao romance nordestino o estatuto de uma literatura preocupada com a nação e com seu povo mestiço, pobre, inculto e primitivo em suas manifestações sociais. A literatura passa a ser vista como destinada a oferecer sentido às várias realidades do país, a desvendar a essência do Brasil real.

Assim, o Nordeste é definido como “uma província literária”, legitimando não só a identidade do romance como nordestino, como a própria ideia de Nordeste, por “possuir uma literatura própria que é expressão de sua verdade”. Logo, a literatura seria a expressão do espírito de cada área, tendo em vista que a literatura paulista era uma literatura de aventura e de conquista, assim como o “espírito bandeirante”, enquanto o romance nordestino era “rústico, inculto e forte”. O Nordeste parece estar sempre no passado, na memória, evocado como o espaço para onde se quer voltar, um espaço que permaneceria o mesmo, onde os lugares, os amores, a família, os animais de estimação, o roçado ficam como que suspensos no tempo, a esperar que um dia quem de lá foi embora volte e reencontre tudo como deixou.

Esta construção literária do Nordeste²⁷ será feita por vários intelectuais e artistas em épocas também das mais variadas, aparecendo desde Gilberto Freyre, José Lins do Rêgo e Ascenso Ferreira, nas décadas de 1920 e 1930, passando pela música de Luiz Gonzaga, Zé Dantas e Humberto Teixeira, a partir da década de 1940, até as obras de Ariano Suassuna, iniciadas na década de 1950. Pintores como Cícero Dias e Lula Cardoso Ayres, o poeta Manuel Bandeira, os romancistas Rachel de Queiroz e José Américo de Almeida, embora guardem enormes diferenças entre si, possuíam em comum esta visão do Nordeste e dela são construtores. Embora com obras muito diferentes²⁸, Albuquerque Jr. (1999) destaca que estes autores e artistas têm em comum o fato de serem construtores de um Nordeste cujas visibilidades e dizibilidades estão centradas na memória, na reação ao moderno, na busca do passado como dimensão temporal, assinalado positivamente em sua relação com o presente.

²⁷ Cf. Albuquerque Jr. (1999, p. 78).

²⁸ Id. p. 85.

O Nordeste como o lugar da tradição²⁹ é sempre tematizado como uma região rural, onde as cidades aparecem como símbolos da decadência, do pecado, do desvirtuamento da pureza e da inocência camponesa. Embora muito antigo, o fenômeno urbano e metropolitano no Nordeste é praticamente ignorado por sua produção artística e literária. Embora o Nordeste seja palco de uma das primeiras manifestações industriais no país, a indústria é vista com desconfiança, como um corpo estranho numa “região agrícola”.

A região Nordeste é tema recorrente nas pautas da mídia, sobretudo a televisão. Boa parte dos discursos jornalísticos gravita em torno da preocupação em descrever os problemas ligados ao drama da seca. Entre os escritores que melhor evidenciam os sentidos da ideia de Nordeste construídos nos diferentes discursos, inclusive no da mídia, destaca-se o nome do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, cuja obra *A Invenção do Nordeste* revela uma profunda investigação de como e quando se formou o que hoje compreendemos como Nordeste brasileiro.

A ideia de Nordeste disseminada pela mídia se concentra na descrição das misérias, dos horrores, especialmente vinculados à seca, descrições que dão o tom da composição de um imaginário sofrido para o espaço do sertão e do Norte. Esse mesmo tom – de região sofrida e pedinte – vai atravessar e perdurar no imaginário do Nordeste, muito embora com explicações que não se restrinjam a postulados naturalistas. O estereótipo é visto, assim, como forma de identificação e como principal peça da estratégia discursiva que reforça a ideia de imutabilidade. Portanto, o estereótipo, elemento fundador do discurso do colonialismo, está presente no discurso da mídia, sendo o Nordeste rerepresentado por meio de imagens e falas que conservam um sentido que começou a ser construído desde sua concepção enquanto região.

Percebe-se, assim, que determinados enunciados audiovisuais se produziram e permaneceram como representações do Nordeste, como sua essência. Porém, apesar de esses clichês e estereótipos do Nordeste a serem propagados no contexto geral da indústria cultural não serem de fato idênticos ao que a mídia aborda, a onda midiática pode ser avassaladora, se considerarmos apenas o seu aspecto comercial, fabricado para fácil assimilação e rápido consumo.

Como é o Nordeste e como são os nordestinos no imaginário dos brasileiros? Na representação do Nordeste, alguns símbolos substituem a própria realidade. Dessa forma, o imaginário é um tipo de representação simbólica, o qual permite uma construção que tenha

²⁹ Cf. Albuquerque Jr. (1999, p. 115).

conexão com a realidade, embora não necessariamente corresponda a ela em todos os aspectos.

O Nordeste é, assim, associado à seca, aos cactos, à terra rachada. Tais símbolos, que até podem suscitar orgulho em algumas pessoas e aversão em outras, adentram no imaginário e operam construções estereotipadas, as quais vão definir quem são os nordestinos para os não nordestinos. Podemos citar novamente as canções de Luiz Gonzaga, voltadas para o nordestino que emigrou para o Sul fugindo da seca, evocando o sentimento de saudade e orgulho da sua terra natal. O próprio Luiz Gonzaga se apropriou da imagem estereotipada do nordestino ao assumir o figurino de vaqueiro, com seu gibão e chapéu de couro, em todas as apresentações que realizava, tendo em vista que essa imagem/representação desfocada da região Nordeste e sua população não está atribuída somente ao já citado Luiz Gonzaga, mas também é exercida por vários outros nordestinos.

FIGURA 01: Luiz Gonzaga.



Fonte:

https://www.google.com.br/search?q=imagens+luiz+gonzaga&biw=1024&bih=673&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjmhcvCnb3JAhUJQZAKHUqRDgUQ_AUIBigB#>.

Uma imagem desse estereótipo criado e difundido por muitos dos próprios nordestinos pode ser vista na fala da então jornalista paraibana Rachel Sheherazade, nascida e criada na capital da Paraíba, João Pessoa, formada em jornalismo pela UFPB e servidora do Tribunal de Justiça da Paraíba. Também foi repórter correspondente da TV Justiça no Estado onde atualmente encontra-se licenciada. Já trabalhou em várias emissoras de TV na própria região e hoje em dia é uma repórter famosa no Sudeste do país e no Brasil., entretanto, assim como

vários outros nordestinos que conseguiram fazer sucesso pelo Brasil afora, Sheherazade também faz parte da parcela de nordestinos que reafirmam aquele imaginário desvinculado da realidade que retratam e disseminam o discurso de um Nordeste pobre e atrasado.

Em uma entrevista concedida ao Programa Pânico no Rádio³⁰, transmitido pela Rádio Jovem Pan, programa que também é transmitido na TV através da emissora Bandeirantes, a jornalista demonstrou um “total desconhecimento” subliminar de sua região de origem ao enfatizar com “autoridade” de quem realmente pode falar do assunto, pelo fato de ser nordestina, que, no Nordeste, a situação de miserabilidade vivida pela população obriga-a a beber água enlameada de barreiro junto com o gado e comer calango assado para saciar a fome.

Podem ser tomados igualmente como exemplo dessa imagem mistificada do Nordeste os personagens Lucicreide e seu marido Carretel, interpretados pelos atores Fabiana Karla e Nelson Freitas no programa de humor Zorra Total, da Rede Globo. O quadro humorístico aborda o descaso com os empregados e expõe a classe de trabalhadores emigrados do Nordeste, transmitindo a representação de que eles são mal instruídos e analfabetos, mas não percebem que estão disseminando estereótipos negativos em relação aos nordestinos.

Tendo em vista que a atriz que interpreta a empregada doméstica é nordestina, nascida e criada em Pernambuco, mais uma vez reafirmamos que muitos dos próprios conterrâneos são os que fortalecem o imaginário do nordestino como sendo o retirante e sua região desprovida de oportunidades e perspectivas de uma vida melhor.

Porém, esses mesmos símbolos são evocados pelos não nordestinos, que os utilizam negativamente associando o Nordeste a uma região atrasada, a exemplo do próprio personagem já citado, Carretel, interpretado pelo ator Nelson Freitas, que é paulista e se utiliza do sotaque, bordões e trejeitos assimilados para expressar ao telespectador a fala e os gestos de um “legítimo nordestino”.

³⁰ A entrevista pode ser apreciada na íntegra neste link: <http://www.brasilpost.com.br/2015/04/16/sheherazade-dilma-facebook_n_7078986.html>.

FIGURA 02: Os personagens cômicos Lucicreide e Carretel, interpretados pelos atores Fabiana Karla e Nelson Freitas.



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+luiz+gonzaga&biw=1024&bih=673&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjmhevCnb3JAhUJQZAKHUqRDgUQ_AUIBigB#tbm=isch&q=imagens+lucicreide+e+carretel&imgre=XE1J0Pcm2b46BM%3A>.

A mídia não destaca que a seca há muito tempo já deixou de ser um problema que precisa de soluções vindas fora, ou seja, o Nordeste passou a ter em sua própria experiência os motivos para o crescimento e aprendizado, buscando outras alternativas através da “ciência” e da “escola”. Ao deixar de ser um “pedinte de ajuda” e partindo do trabalho físico e mental do seu povo, o Nordeste pode ser visto e dito de outras maneiras, e não somente como um lugar “exótico” e “atrasado”. O Nordeste representado na mídia aparece como um espaço homogeneizado pela miséria, pela seca, pelo cangaço ou messianismo, pouco destacando a diversidade da realidade nordestina e todas as suas mudanças, pois o que interessa para a mídia são aquelas imagens e temas que permitam tomar este espaço como mais chocante, capaz de revelar as mazelas, ou ainda ressaltando a dimensão do exótico, folclórico e risível.

As imagens, assim como qualquer outra modalidade de documento, não devem ser tomadas como expressão fiel da realidade e, nesse caso, devemos nos precaver contra os perigos das impressões especulares, uma vez que as imagens comportam significados ou omissões, e a sua capacidade informativa depende de sua contextualização (CABRAL FILHO, 2009, p. 25).

Cabe a cada um inverter essa pirâmide e mudar essa imagem, pois o Nordeste e o Nordeste não são que a mídia mostra. Quantas vezes foram e ainda são veiculadas na TV reportagens sobre cidades nordestinas? Quantas vezes já passou na TV a cidade de Campina Grande-PB? Porém, só se mostram a “Feira Central”, o “Sítio São João”, as “Quadrilhas Tradicionais” no Parque do Povo e casos de estupro, homicídios, além do grande índice de assaltos, colocando, assim, a “Rainha da Borborema” no ranking das cidades mais violentas e perigosas do país.

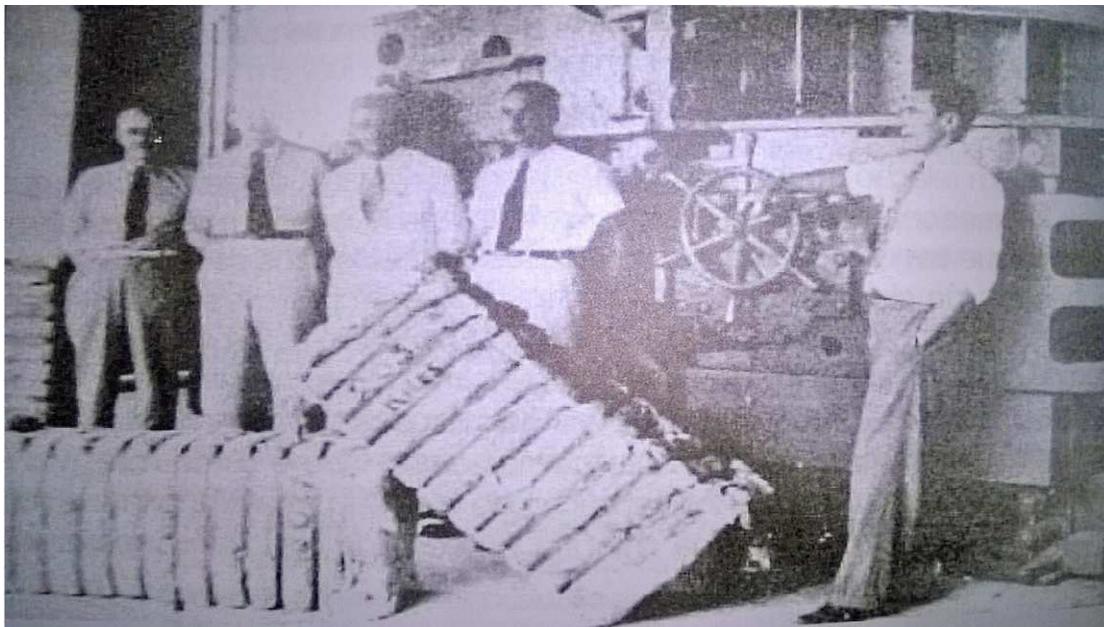
Porque não mostrar também que Campina Grande possui um dos mais importantes e bem conservados acervos de construções em Art Déco do Brasil? Porque não mostrar que Campina Grande é uma cidade universitária, contando com várias instituições de ensino técnico e superior, tanto públicas quanto privadas, além de ser um dos maiores polos tecnológicos da América Latina? Porque a mídia não enfatiza esse outro lado da cidade nordestina? Também deveria ser evidenciada a atuação de campinenses-nordestinos em novelas, programas e inclusive no Senado, representando, defendendo e lutando por melhorias para a cidade e para toda a região Nordeste, entre outros que ganharam destaque nacional e - porque não dizer - mundial. E mesmo assim, ainda hoje, muitos campinenses conseguem ser influenciados pela mídia que, de alguma forma, “insere” em suas mentes que está na região Sul o “verdadeiro” progresso, sendo o Nordeste atrasado e primitivo. Na visão de Albuquerque Jr. (1999, p. 317), “As reportagens sobre o Nordeste não são feitas para descobrir algo novo a seu respeito, mas reafirmar a sua imagem já estabelecida, que significa, ao mesmo tempo, reforçar a imagem construída para São Paulo, para o Sul etc.”.

O que a mídia não aborda e o que muitos dos próprios campinenses não sabem é que, no século XX, Campina Grande já demonstrava ser um expressivo exemplo de urbanização e modernização vivenciado pelo interior do Nordeste devido ao algodão ter sido para Campina Grande a principal atividade responsável pelo crescimento da cidade, atraindo para ela diversos comerciantes de toda a região da Paraíba e do Nordeste. Campina Grande foi, na década de 1940, a segunda maior exportadora de algodão do mundo, ficando somente atrás de Liverpool, na Inglaterra. Com isso, Campina era conhecida como a “Liverpool Brasileira”. Devido ao “ouro branco”, a cidade pôde crescer e ver sua população aumentar a cada dia, ultrapassando até o número de habitantes da capital João Pessoa.

É importante ressaltar que Campina Grande nunca produziu algodão. O que ocorria era que ela era a única cidade do interior do Brasil que possuía uma máquina de beneficiamento de algodão e a matéria-prima para a produção vinha de cidades produtoras vizinhas. Após processado, o algodão era negociado com a Europa, nas décadas de 1930 e 1940. A fotografia

a seguir mostra, em pose, cinco homens, cujas roupas indicam serem eles diretores ou gerentes da produção.

FIGURA 03: Prensa hidráulica utilizada para o enfardamento do algodão.



Fonte: Acervo do Museu do Algodão de Campina Grande-PB, coletada por Severino Cabral Filho (2009, p. 112).

A distribuição do algodão teve um importante impulso com a chegada das linhas ferroviárias na cidade, trazendo uma grande mudança na economia local, além de uma maior facilidade para transportar e exportar o algodão e os demais produtos para outras localidades e para os portos mais próximos, a exemplo do porto de Recife. Com o tempo, Campina Grande ia se desenvolvendo, assim como também iam ocorrendo mudanças significativas na economia e na condição de vida.

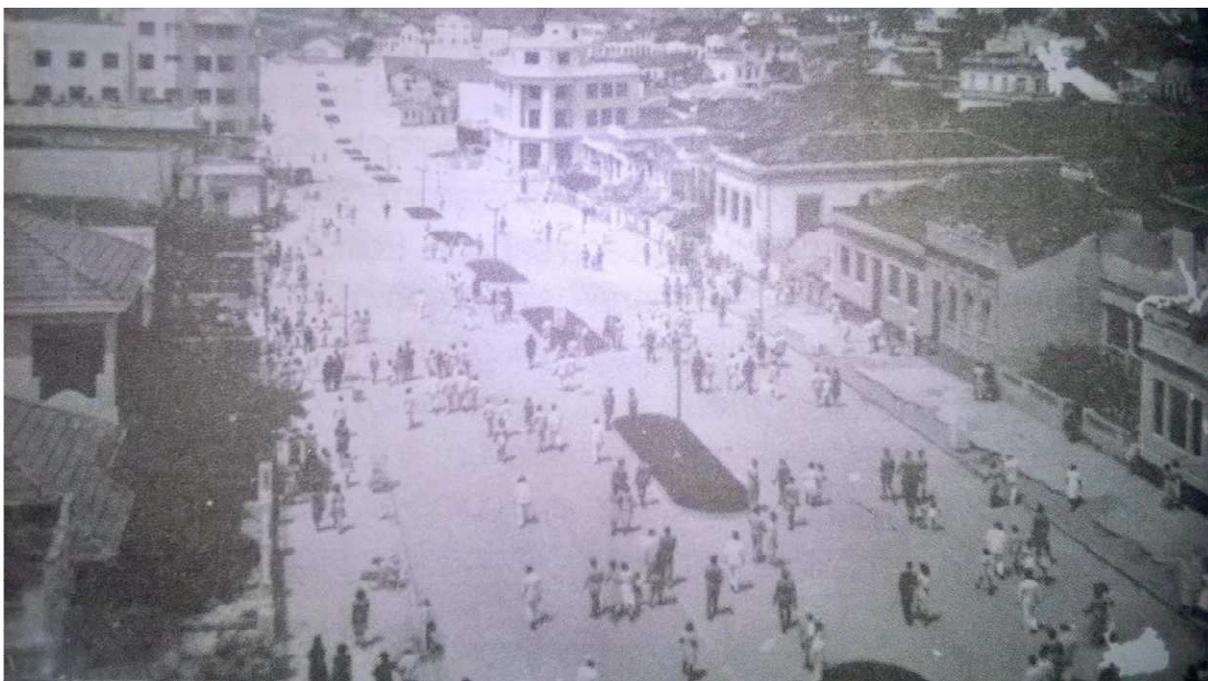
Destarte, no decorrer do século XX, a economia da capital João Pessoa praticamente ficou estagnada diante da ascensão de Campina Grande. João Pessoa viu, então, o declínio de sua importância, já que, até os anos 1960, Campina despontava como a cidade mais importante do Estado, por ser considerada um importante polo comercial e industrial em toda a região Nordeste. Só a partir da década de 1960, João Pessoa foi retornando ao posto de principal cidade paraibana, devido a grandes investimentos privados e governamentais.

Em Campina Grande, as mudanças ocorreram, sendo percebidas e vivenciadas. Era notável a transformação das paisagens urbanas e as modificações fisionômicas que estavam em curso. Novos símbolos apareciam nesse processo de transformação, agradando a algumas pessoas e deixando outras desconfortáveis pelo fato de estarem rompendo com as práticas de convivência social enraizadas na força da tradição, pelo fato de o passado ainda estar

marcando o presente e se contrapondo ao que vinha sendo implementado e considerado moderno.

Sabe-se que desde o século XIX as cidades tiveram os seus significados redefinidos e passaram a ser objeto de olhares e saberes que até então não lhe eram tão peculiares: o médico, o jurídico e o técnico. Nesse sentido, as funções das ruas sofreram profundas mudanças, na medida em que novas demandas passaram a definir-lhes os papéis, que, criados por um pensamento novo, caracterizavam-se pelas idéias de higienização, racionalidade e desenvolvimento. Assim, para atender aos novos preceitos do viver na cidade, reflexos deste novo imaginário social, as ruas tiveram os seus traçados refeitos, passando pelo alargamento, e pelo embelezamento e, característica importante, pela moralização. Uma cidade progressista se faria perceber pelas suas ruas; elas também atestariam uma cidade atrasada. (CABRAL FILHO, 2009, p. 170).

FIGURA 04: Fotografia da Avenida Floriano Peixoto, em Campina Grande-PB, na década de 1940.



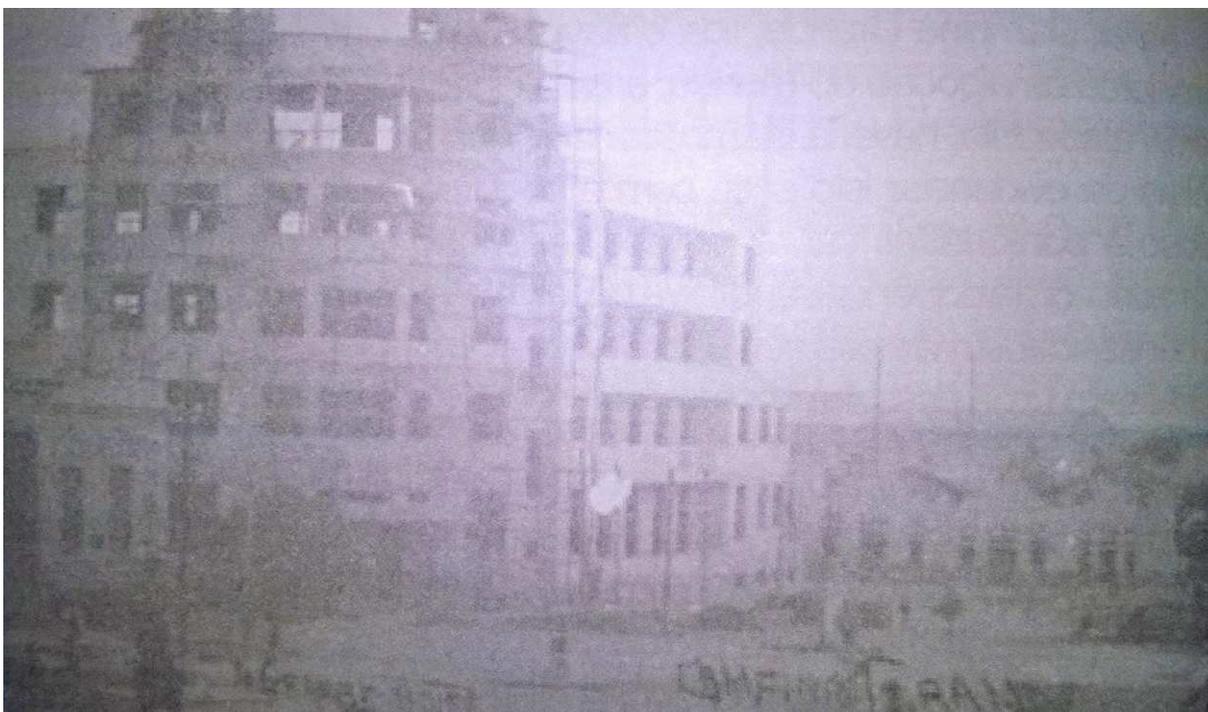
Fonte: Acervo do Dr. Severino Bezerra de Carvalho. “A avenida parece avançar para o infinito e, neste percurso, vai deixando pelo solo urbano muitos dos símbolos modernos” (CABRAL FILHO, 2005, p. 60).

Campina Grande, considerada um dos maiores centros exportadores de algodão do mundo, tinha que se fazer digna de tal posto. Uma das maneiras de evidenciar a sua grandeza seria através de uma reconfiguração de toda a cidade, investindo na construção de avenidas e ruas mais largas, bem como prédios imponentes, a exemplo da construção de um hotel moderno (O Grande Hotel) para acolher a elite comercial e servir como uma espécie de “marketing visual” da cidade, para causar nos visitantes uma boa impressão. Outrossim, também seria necessário “realocar” símbolos da cidade considerados atrasados e mal vistos, a

exemplo da Feria Central, que não agradava aos conterrâneos de Campina Grande por ser um local considerado insalubre, promíscuo e desorganizado, fomentando uma imagem negativa da cidade.

Retirar de Campina Grande traços *provincianos e sertanejos*, dotar a cidade de uma fisionomia urbana e moderna de acordo com os padrões urbanos planejados e desenvolvidos na Europa. Importava para isto a eliminação de todo e qualquer sinal de província e de sertão que Campina Grande ainda guardasse, sacrificando-lhe aspectos caros à sua construção histórica (CABRAL FILHO, 2009, p. 87. Grifo do autor).

FIGURA 05: Fotografia da construção do Grande Hotel, em Campina Grande-PB.



Fonte: Acervo do Dr. Severino Bezerra de Carvalho. Construção do Grande Hotel de Campina Grande, “[...] símbolo da modernidade, apresentando indícios de uma cidade que buscava refazer-se, ampliar-se” (CABRAL FILHO, 2005, p. 58).

Entretanto, mesmo com diversas mudanças fisionômicas ocorridas em Campina, a arquitetura ainda marca forte presença nesta cidade, com antigas construções de grande importância histórica, mesclando-se a elementos contemporâneos como grandiosos e modernos edifícios. Um dos vários pontos positivos encontrados em Campina Grande e que não é ressaltado pela mídia sensacionalista é a sua arquitetura em Art Déco, estilo surgido no início do século XX que influenciou tanto a arquitetura quanto as artes plásticas. Campina Grande possui um dos mais importantes e bem conservados acervos de construções em Art

Déco do Brasil³¹, sendo os prédios utilizados por empresas do ramo comercial, as quais são obrigadas a preservar as fachadas.

Campina também é sede de um dos maiores encontros cristãos do mundo, o Encontro da Consciência Cristã, reunindo milhares de pessoas para debater temas ligados a fé, ética e sociedade. A cidade possuiu e ainda possui um importante papel como disseminador do trabalho dos mais diversos artistas ligados à cultura popular nordestina. As vaquejadas que se realizam na cidade e “O Maior São João do Mundo” contribuem fortemente para a preservação da cultura regional. Contudo, na maioria das vezes, a mídia só focaliza este diferencial campinense, destacando e fortalecendo um imaginário rústico e provinciano sobre a cidade nordestina aqui exposta. Quem é de outra região pode acreditar que Campina Grande é uma cidade atrasada, pensando que o povo campinense ainda vive no tempo de Lampião e Maria Bonita pelo fato de a mídia retratar majoritariamente o lado tradicional apresentado no evento junino, como as comidas típicas, as quadrilhas e os trios de forró. Deixa-se de mostrar a forte economia que gira em torno do evento e o quanto moderna são a festa e a cidade em si.

De tanto se falar em modernização, julgamos ser interessante ressaltar que Campina Grande³² apresenta forte participação na área tecnológica, sendo referência em se tratando de desenvolvimento de software e de indústrias de informática e eletrônica. Em 2001, foram apontadas nove cidades de destaque no mundo que representam um novo modelo de Centro Tecnológico e o Brasil está presente na lista com Campina Grande, a única cidade escolhida da América Latina. Em 2003, mais uma vez, Campina foi mencionada, desta vez referenciada como o “Vale do Silício brasileiro”, graças, além da *high tech*, às pesquisas envolvendo o algodão colorido ecologicamente correto.

A cidade também possui várias empresas produtoras de software, arrecadando milhões de reais por ano. Ultimamente, o mais importante vínculo criado nesta cidade foi uma aliança com empresas de tecnologia brasileiras e chinesas, propiciando uma interação tecnológica entre o Brasil e a China, gerando empregos e fortalecendo o desenvolvimento local. Há de se indagar o porquê de a mídia sulista não realizar reportagens sobre este tipo de assunto em relação à cidade nordestina. Eis a questão.

Campina Grande é também um grande centro universitário, contando com várias instituições de ensino públicas e privadas, desde o grau técnico até o ensino superior, com os mais variados cursos, além de se destacar proporcionalmente com o maior número de

³¹ Maiores informações estão disponíveis no link <https://pt.wikipedia.org/wiki/Campina_Grande>.

³² Para saber mais sobre a cidade de Campina Grande, consultar o link <https://pt.wikipedia.org/wiki/Campina_Grande>.

doutores do Brasil, 1 para cada 590 habitantes, seis vezes a média nacional, apesar de a mídia sulista dar prioridade aos fatores negativos da cidade, dispondo-a no ranking de uma das cidades mais violentas e perigosas do país.

Outros veículos de comunicação, tais como revistas, jornais e a própria Internet, apontam em pesquisas realizadas que Campina Grande aparece como uma das 10 melhores cidades para se trabalhar e fazer carreira no Brasil, sendo a única cidade do interior entre as capitais escolhidas no país. Tais pesquisas também apontam que o município é ainda considerado a cidade mais dinâmica do Nordeste e a 6ª mais dinâmica do Brasil, sendo apontada como uma das 20 metrópoles brasileiras do futuro. Não obstante, informações e notícias deste tipo são pouco divulgadas pela mídia sulista em relação às cidades nordestinas. Quando mencionadas na TV, estas são retratadas somente pela violência, que a cada dia vem crescendo em todo o território nacional, e os “típicos flagelos estereotipados” da seca que “sempre” maltrata a região.

Mesmo se passado várias décadas, mesmo tendo ocorrido inúmeras mudanças em todos os setores da sociedade brasileira, de norte a sul do país, inclusive no Nordeste, para a mídia, a seca ainda continua sendo uma imagem-clichê e um tema investido de “autoridade” no dizer e no ver o Nordeste. A seca, mesmo sendo um problema resolvido para boa parte da população nordestina e a despeito de ser um fenômeno vivenciado também em outras regiões do Brasil, inclusive na própria região Sul, parece não ter cortado os fios que a ligam aos “paraíbas”, aos “cabeções”.

A seca, assim também como a caatinga nordestina, caracterizada como um deserto que não produz nada, onde prevalece a violência, onde a peixeira está sempre afiada e a bala “voa pra todo lado”, aparecem apenas como mais uma característica do Nordeste, a qual não anula nem silencia outros componentes benéficos da região. Devemos criticar, por exemplo, a postura da mídia, não por ela não ver nossa verdadeira face, ou mostrar nossa verdadeira fala, mas por ter uma postura negadora da História, da mudança, por estar presa a uma visibilidade e dizibilidade do Nordeste que vincula à região sempre a busca do folclórico, da miséria, da violência, da seca, até de cangaceiros, beatos e coronéis ainda no final do século XX. Não estamos afirmando que a mídia não deva mostrar tais aspectos, mas que ela deve também se perguntar por que não consegue enxergar ou escutar outros aspectos na região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas páginas que antecederam essas considerações finais, procuramos relevar um pouco do contexto historiográfico construído em relação ao Nordeste por parte do espaço midiático que, ao longo de vários anos, vem criando um discurso que não condiz mais com o presente momento vivido pela região. Procuramos utilizar fontes variadas, a exemplo de análises de estudos historiográficos referentes ao tema, filmes, como também matérias televisivas, como forma de complementar a fundamentação teórica que possibilitasse o desenvolvimento desta pesquisa.

Embora o tema aqui abordado seja muito discutido em meio aos mecanismos de televisão e jornais, é quase inexistente a construção de trabalhos relacionados à questão, a esse discurso criado e difundido de forma abusiva por meio dos espaços jornalísticos. Assim, tivemos como desejo, no percorrer da construção deste trabalho, ao fazermos um balanço sobre as questões aqui abordadas, a esperança de ter contribuído de alguma forma para fomentar novos trabalhos historiográficos relacionados ao objeto de estudo. Dada a ausência de pesquisa sobre a representação do Nordeste na mídia, de antemão, esse trabalho se reconhece como um ponto de partida para outras pesquisas que possam ajudar a preencher a lacuna sobre a abordagem da seca na mídia. Assim, se pelo menos esta pesquisa servir para promover o debate em torno dos tópicos aqui abordados, já teremos a satisfação do dever cumprido.

Nessa senda, apesar do esforço em viabilizar uma pesquisa capaz de oferecer uma contribuição aos estudos historiográficos, mais especificamente ao tema aqui abordado, no tocante ao discurso estereotipado da mídia em relação a determinadas regiões, em nenhum momento se teve a pretensão de fazer algo infalível, dando por encerrado este estudo. Pelo contrário, temos como iniciativa a esperança de que outros trabalhos possam ser desenvolvidos, contribuindo para as pesquisas relacionadas ao objeto de estudo aqui abordado.

Nessa perspectiva, chegamos ao final (ainda provisório) deste trabalho, com dúvidas e inquietações, porém certos de que ainda existe muito a pesquisar, visto que seria humana e racionalmente impossível recuperar todo o contexto histórico correspondente a este tema em um único trabalho de pesquisa. Esperamos que muitos outros trabalhos historiográficos ainda sejam feitos sobre a temática. Seguimos, então, esperançosos, acreditando na continuidade das pesquisas a ela ligadas, bem como ao objeto de estudo em questão, certos de haver muito ainda a percorrer nessa imensa, mas gratificante empreitada.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** Prefácio de Margareth Rago. Recife: FJN, Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidades regional.** Recife: Bagaço, 2008.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagem e história/Severino Cabral Filho.** – Campina Grande, UFCG, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** 2. ed. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (O homem e a história).

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano.** João Pessoa: Ideia, 2002.

NÓBREGA, Geralda Medeiros. **O Nordeste como inventiva simbólica: ensaios sobre o imaginário cultural e literário Campina Grande,** PB: EDUEPB, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** 2. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

REIS, José Carlos. **A história, entre a filosofia e a ciência: A escola metódica dita “positivista”.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Escola dos Annales: a inovação em História.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

SILVA, Silvia Tavares da. As primeiras experiências com o fazer televisão em Campina Grande. In: SOUZA, Antonio Carlos Barbosa de; HERNANDES, Paula Rejane (Orgs.). **Cidades e experiências modernas.** Campina Grande, PB: EDUFCG, 2010.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O regionalismo nordestino: Existência e consciência da desigualdade regional (Fac-Similar).** João Pessoa: Ed. da UFPB, 2009.

VIEIRA, Kyara Maria de Almeida. O Nordeste e algumas sonoridades: “Além da seca ferrenha, do chão batido e da brenha...”. In: AIRES, José Luciano de Queiroz (Org.). **Cultura da mídia, história cultural e educação do campo.** João Pessoa: Ed. da UFPB, 2011.

WEBSITES CONSULTADOS:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Campina_Grande>.

<<http://blogs.ne10.uol.com.br/mundobit/2014/10/26/nordestino-preconceito-dilma/>>.

<<http://reguladilma.blogspot.com.br/2012/07/o-nordeste-e-primitivo-inculto-burro.html>>.

<<http://www.ufrgs.br/alcar/noticias-dos-nucleos/artigos/A%20INFLUENCIA%20DA%20MIDIA%20NA%20CRIANCA%20PRE-ADOLESCENTE%20E%20A%20EDUCOMUNICACaO%20COMO%20MEDIADORA%20DESSE%20CONTATO.pdf>>.

<<http://www.historiadetudo.com/televisao.html>>.

<<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/histormundi.htm>>.

<<http://www.safernet.org.br/site/prevencao/orientacao/calunia>>.

<<http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/159516/De-mansinho-Globo-investe-em-golpe-e-preconceito.htm>>.

<<http://www.dignow.org/area/reportagens-do-passado-campina-grande-destaque-na-revista-newsweek-em-2001-884678-27906>>.

<http://www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/assessoria_imprensa/mostra_noticia.php?codigo=8190>.

<<http://www.sedis.ufrn.br/index.php/module-positions/currais-novos-2/campina-grande>
<<http://jogosdigitais.cesed.br/campina-grande/>>.

<<http://pref-cabo-frio.jusbrasil.com.br/politica/5661445/a-revista-veja-constatou-cabo-frio-esta-entre-as-20-cidades-que-mais-crescem-no-brasil>>.

<http://www.brasilpost.com.br/2015/04/16/sheherazade-dilma-facebook_n_7078986.html>.